

DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2017n17p36>

## **Para uma compreensão materialista histórica e dialética do conceito de classe: uma retomada das obras clássicas de Marx e Engels e das produções de E.P. Thompson.**

*For a historical and dialectical materialism understanding of the class concept: a resumption of the classical works of Marx and Engels and of the productions of E.P. Thompson*

Luísa Bonetti Scirea  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Mestra em Sociologia Política  
luisabonettis@gmail.com

Raphael Sansonetti Valverde  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Mestre em Sociologia Política  
raphael.svalverde@gmail.com

**Resumo:** Classe Social é um dos principais conceitos na tradição marxista e um dos conceitos chave das Ciências Sociais. A relevância deste para a análise das identidades e sociedades contemporâneas é atualmente debatida e problematizada, ganhando destaque no debate entre marxistas e pós-marxistas, assim como na suposta emergência de uma “nova classe média brasileira” a partir dos “Anos Lula” (2003-2011). Este artigo busca contribuir para a qualificação deste debate na medida em que retoma noção de classe social dentro da tradição marxista, explicitando diferentes tratamentos deste conceito nas obras de Marx e Engels e mobilizando o historiador inglês E. P. Thompson para exemplificar como um membro de uma abordagem “materialista histórica” da tradição marxista continuou a mobilizar e dar sentido ao conceito de classe social.

**Palavras-chave:** Classe Social. Materialismo Histórico. Marx. E. P. Thompson.

**Abstract:** Social Class it's one of the main concepts in the Marxist tradition and one of the key concepts of the Social Sciences. The relevance of this concept to the analysis of contemporary identities and societies it's currently debated and problematized, gaining prominence in the debate between marxists and post-marxists, as well as in the supposed emergency of a “new Brazilian middle class” in the Lula years (2003-2011). This article seeks to contribute to the qualification of this debate in so far as it resumes the notion of social class in the Marxist tradition, explaining different treatments of this concept in writings of Marx and Engels, and mobilizing the English historian E. P. Thompson to exemplify how a member of an “historical materialistic” approach of the Marxist tradition continued to mobilize and make sense to the social class concept.

**Keywords:** Social Class. Historical Materialism. Marx. E.P.Thompson.

Originals recebidos em: 23/10/2017

Aceito para publicação em: 26/04/2018



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/) Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License.

## **Introdução**

Acredita-se que o legado de Marx e Engels serviu de base para as mais diversas interpretações e leituras que estariam dentro do marxismo como tradição. Leituras que tanto se pautaram num caráter materialista histórico e dialético da teoria e práxis políticas, como na produção do historiador britânico Edward Palmer Thompson; quanto leituras de marxismos que se desenvolveram de forma fechada e dogmática, assumindo características deterministas, idealistas, fatalistas ou teleológicas em relação à teoria e prática política, como em boa parte dos marxistas da segunda e terceira internacionais, assim como o marxismo-stalinismo.

Tendo noção da complexidade e variedade que envolve a tradição marxista em geral e também um de seus principais conceitos, classe social, o presente artigo realizará um breve exame acerca deste conceito, dentro de uma leitura possível da tradição marxista. Parte-se centralmente das contribuições da obra do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993), assim como de uma retomada do conceito de classe nas obras de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Entendemos que existem muitas confluências possíveis entre Marx, Engels e E.P. Thompson, podendo-se entender que estes autores fazem parte de uma tradição marxista de caráter materialista histórico e dialético<sup>1</sup>.

Entendemos que classe social continua sendo um conceito relevante para a compreensão da realidade social contemporânea, sendo também uma ferramenta central da análise sociológica e política. Desta maneira, ao explorar como estes autores trabalham suas noções de classe, identificando possíveis aproximações e afastamentos, contribuimos para a qualificação do debate acerca do tema e compreensão desta ferramenta de análise dentro da tradição marxista.

### **Algumas concepções de classe numa tradição possível do materialismo histórico e dialético.**

---

<sup>1</sup> Dentro da tradição do marxismo histórico e dialético no Brasil, destacamos a leitura do conceito de classe feito pelo antropólogo José Sérgio Leite Lopes (1976, 1988, 2011), um intelectual que partilha de alguns aspectos das produções Marx-engelsianas e, principalmente, das produções de E.P. Thompson, no que tange a pensar o conceito de classe numa perspectiva histórica e dialética.

Para a realização do exame sobre o conceito de classe numa certa tradição do marxismo inicia-se buscando retomar algumas formulações feitas em relação à teoria e a noção de classe presentes nas obras de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), as quais deram origem à tradição marxista, assim como a releitura mais contemporânea desta noção nas produções de Edward Palmer Thompson (1924-1993). Faz-se necessário ressaltar que a presente formulação ou compreensão do conceito de classe nestes autores é uma interpretação possível dessa noção vital para o marxismo, porém existe uma pluralidade de leituras e tradições diferentes dentro da chamada tradição marxista, assim como outras leituras possíveis das articulações entre esses autores sobre a noção de classe. Conforme indica Netto (2011), mais do que apenas um campo de estudos simplesmente heterogêneo o que se identifica no marxismo é uma tradição repleta de divergências nas interpretações, que entram em disputa e conflito em relação à obra de Marx e Engels.

Apesar de aspectos compartilhados por diversos seguidores de Marx e Engels, segundo Sell (2013, p. 49) “[...] o desenvolvimento das ideias dialéticas no marxismo seguiu, basicamente, dois grandes caminhos.” Um desses caminhos se desenvolveu a partir das sistematizações de Friedrich Engels e de marxistas como Plekhanov (1856-1918), aonde “[...] a dialética foi concebida como um conjunto de leis que explicam a evolução da natureza e da sociedade.” (p. 49) Sell (2013, p. 49) também destaca como essa corrente de pensamento teria interpretado a teoria de Marx numa perspectiva determinista e evolucionista, próximo das ciências positivistas, ao afirmar leis gerais da realidade que explicariam a sociedade, como nas ciências naturais. Netto (2011) ainda indica que muitos marxistas da segunda internacional, como Kautski e Plenajov teriam leituras de caráter positivista, aspecto que se reforçou em alguns marxistas da terceira internacional, gerando tanto interpretações reducionistas e deterministas da teoria de Marx, como ideologias dogmáticas como no caso do stalinismo.

Por outro lado, conforme indica Sell (2013, p. 49) essas interpretações sobre as obras de Marx foram contestadas por autores como Georg Lukács (1885-1971), que compreendia e defendia que a análise dialética de Marx teria a finalidade de compreender a realidade social e não “[...] as formas de evolução natural. “ Ou seja, o materialismo dialético seria uma teoria voltada para as ciências sociais. Segundo Boron (2006), a leitura mais ampla, complexa e refinada da teoria marxista se desenvolveu em autores

como Vladimir I. Lênin, Antonio Gramsci, Gyorg Lukács, entre outros, que mantiveram o caráter histórico e dialético dos escritos de Marx, evitando reducionismos e determinismos típicos do positivismo presente em grande parte da tradição marxista. Iniciaremos o exame com a retomada de alguns pontos das obras de Marx e Engels e posteriormente serão trabalhados alguns aspectos dessa leitura mais aberta e materialista dentro do marxismo, a partir de E.P. Thompson.

Para melhor situar a produção de Marx e Engels retoma-se alguns dados considerados relevantes numa breve síntese histórica do desenvolvimento intelectual desses autores. Segundo Netto (2011, p. 18-20), desde 1840 Marx já vinha confrontando o idealismo hegeliano, muito pela influência do materialismo de Feuerbach. Obras de Marx dessa época são “Para a questão Judaica” e a “Crítica da filosofia do direito de Hegel”, ambos de 1843, indicando esse caráter de confrontação na produção do autor. Friedrich Engels (1820-1895) conheceu Marx em 1844, influenciando este último de maneira decisiva quanto aos seus estudos, que se voltaram da crítica à Hegel para a crítica à economia política. Uma obra emblemática desse processo são os “Manuscritos econômico-filosóficos” de 1844. Posteriormente Marx volta seus estudos para a análise da sociedade burguesa, muitos destes estudos sendo de coautoria de Engels, como “A Ideologia alemã” de 1846, obra considerada vital na transição para a chamada “fase madura” destes autores, que ao longo de sua época realizaram profundas análises político-econômicas e sociais ao mesmo tempo em que se envolvem com polêmicas e conflitos políticos de sua época. Essa fase de maior maturidade de Marx, em específico, resulta de um processo de mais de 15 anos de estudos deste autor, que resultariam nas formulações de 1857 em diante, onde sua teoria social começa se estruturar de forma mais complexa.

Boron (2006, p. 36) sustenta que a noção de materialismo dialético pode ser compreendida como uma teoria filosófica relacionada ao pensamento e aos trabalhos de Marx por seus intérpretes. Essa concepção de Marx teria se desenvolvido a partir de suas críticas à dialética de Hegel, que era considerada idealista. Assim, na dialética hegeliana a análise da história e de suas contradições sociais tinha caráter idealista, porém para Marx as análises da história e de suas contradições teriam como caráter a materialidade da sociedade civil. Assim, segundo Boron (2006, p. 36), na dimensão da sociedade civil nos deparamos com “[...] as classes e seus irreconciliáveis antagonismos e com as contradições entre as forças produtivas e as relações sociais de produção”. Conforme

Marx e Engels (2007, p. 86-87), não seria a “[...] consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”.

Boron (2006, p. 37) indica que o Materialismo Histórico consideraria as relações sociais na dinâmica do processo histórico como produtoras de conflitos e contradições sociais, e os processos revolucionários na história seriam os pontos altos desses conflitos em momentos específicos, tendo culminado nas atuais sociedades capitalistas. Boron (2006, p. 37) ainda ressalta que na teoria de Marx existe uma “[...] diversidade das contradições e antagonismos que se geram nas sociedades capitalistas e, por isso mesmo, a grande variedade dos sujeitos que as encarnam.”

Boron (2006, p. 36) também indica que no materialismo histórico, como aspecto central da teoria social de Marx, a história não é um conjunto de acontecimentos “aleatórios”, sendo que a história teria um sentido que pode ser compreendido por um processo investigativo a partir da materialidade, tanto da estrutura como da dinâmica das relações sociais na sociedade civil. Marx (2009), na obra “Miséria da filosofia” de 1847 aponta que a sociedade seria o:

[...] produto da ação recíproca dos homens e das relações de produção que constituiriam um todo. [...] É supérfluo acrescentar que os homens não são livres para escolher as suas forças produtivas – base de toda história-, pois toda força produtiva é uma força adquirida, produto de uma atividade anterior. (MARX, 2009, p. 250)

A partir dessa retomada geral sobre as produções teóricas de Marx e Engels retomam-se algumas das diversas contribuições das obras destes autores fundadores da tradição marxista em geral. Escolheram-se aspectos das obras os quais se mostraram importantes para a compreensão do conceito de classe. Na obra *A Ideologia Alemã* (1845-1846) de Marx e Engels (2007) se indica como o desenvolvimento das forças produtivas das sociedades ao longo da história produziam relações de existência entre classes dominantes e as classes dominadas, sendo que as últimas sofreriam os malefícios e suportariam os fardos dessas relações de produção sem usufruir das vantagens, essas classes dominadas seriam compostas pela maioria da sociedade.

O desenvolvimento histórico do conflito de classes também é descrito por Marx e Engels (1998, p. 7-9) no *O manifesto do partido comunista* de 1848, aonde os autores indicam como a história de todas as sociedades<sup>2</sup> seria a história das lutas de classes, entre

---

<sup>2</sup> Marx e Engels (2007) se referem à história escrita e disponível aos próprios autores naquele momento histórico.

opressores e oprimidos, em posições de antagonismo, sendo que os autores apontam algumas variações da estruturação das classes em diversas formas de sociedade ao longo da história: Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, membro de corporação e oficial-artesão, por exemplo. Assim, surgindo ao fim do feudalismo, a moderna sociedade burguesa apenas dá nova forma à opressão e aos antagonismos de classe, agora centralmente entre duas classes com interesses antagônicos: a burguesia e o proletariado.

Em nota de Engels (MARX; ENGELS, 1998, Nota nº 1) para a edição inglesa d' *O manifesto do partido comunista* publicada em 1888, o autor indica que a burguesia seria a classe dos modernos capitalistas, que são os proprietários dos meios de produção social e exploram o trabalho assalariado, e o proletariado seria a classe dos modernos operários assalariados que, uma vez que não possuem meios de produção próprios, estão na dependência de vender a sua força de trabalho para poderem viver.

Apesar da luta de classes no capitalismo ser centrada no antagonismo destas duas classes, burgueses e proletários<sup>3</sup>, no próprio *manifesto* Marx e Engels (1998) indicam que existem outras diversas classes sociais nesse período histórico, como os estratos médios, entre estes o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão e o camponês, assim como o chamado lumpem proletariado, que seriam as camadas proletárias mais baixas da sociedade, como desempregados ou subempregados, como artistas de rua, ciganos, prostitutas, etc.

Ao longo de algumas obras de Marx e Engels são identificadas algumas tipificações das classes sociais no capitalismo<sup>4</sup>, entre estas se destacam algumas como sendo emblemáticas para a compreensão da noção de classe. No *Manifesto* (MARX; ENGELS, 1998), a burguesia seria a classe dos capitalistas, que são os proprietários dos meios de produção social que exploram o trabalho assalariado da classe trabalhadora. Na obra *O capital* de 1867, Marx (1975) caracteriza os burgueses como a classe dos capitalistas, como aqueles que são proprietários de capital, que vivem da renda e da exploração do trabalho dos assalariados. No *Manifesto* (MARX; ENGELS, 1998) indica-se que a burguesia também seria composta por uma subclasse, os pequenos burgueses, também chamados de estratos ou classes médias, os quais seriam os que são

---

<sup>3</sup> Proletário também corresponde ao termo classe trabalhadora.

<sup>4</sup> Aqui estamos nos referindo ao capitalismo estudado por Marx e Engels, o que implica que o capitalismo contemporâneo pode e deve adotar as tipificações que forem mais coerentes com as evidências históricas atuais e em dadas conjunturas.

proprietários dos meios de produção, porém que não explorariam o trabalho assalariado, ou seja, utilizam sua própria força de trabalho. Seriam estes os pequenos comerciantes, fabricantes, artesãos e camponeses, que teriam a posse de um pequeno capital.

Os proletários são caracterizados no *Manifesto* (MARX; ENGELS, 1998) como a classe dos modernos trabalhadores assalariados que, uma vez que não possuem meios de produção próprios, estão na dependência de venderem a sua força de trabalho para poderem viver. Na obra *O Capital*, Marx (1975) indica os proletários como a classe dos trabalhadores assalariados, como proprietários da força de trabalho cuja fonte de renda seria o salário por meio da venda da sua força de trabalho, que implicaria a exploração dessa força pela capitalista. Em *A Ideologia Alemã* (2007), Marx e Engels caracterizam essa classe proletária como a “grande massa de trabalhadores” ou “classes dominadas”.

Outra classe que recebe um destaque no breve capítulo sobre o tema n’*O capital* (MARX, 1975) são os latifundiários, apontados por Marx como sendo uma das classes gerais do capitalismo (junto a trabalhadores assalariados e os capitalistas), sendo que esta seria proprietária de terras e viveria da renda do solo. A diversidade de classes presentes nas produções de Marx e Engels também é encontrada em outras obras como em *O 18 Brumário* de Karl Marx (1997), por exemplo, que apresenta uma complexa análise de conjuntura que envolve diversas dessas classes nas lutas políticas, não apenas burgueses e proletários de modo simplificado, mas também o campesinato.<sup>5</sup>

No que tange a relação entre as classes, Marx e Engels n’*O manifesto do partido comunista* (1998, p. 20) indicam como a “[...] condição essencial para a existência e para a dominação da classe burguesa é a acumulação da riqueza em mãos privadas, a formação e a multiplicação do capital; a condição do capital é o trabalho assalariado.” Em *A ideologia alemã* (MARX; ENGELS, 2007, p. 41-47) publicada em 1845, os autores indicam como o poder de dominação de uma classe sobre as outras são as condições das forças de produção de uma sociedade, sendo que o poder social dessa classe dominante deriva de sua riqueza e se expressa de modo “prático-idealista” na forma de estado vigente conforme cada contexto histórico<sup>6</sup>. Assim, as ideias das classes dominantes de cada contexto são as ideias dominantes da sociedade, uma vez que tal classe é a força

<sup>5</sup> *O 18 de Brumário* será trabalhado novamente mais adiante no que se refere as noções de “classe em si” e “classe para si”.

<sup>6</sup> N’*O Capital* (1975), por outro lado, Marx indica como o Estado também pode fazer concessões que atendam os movimentos de resistência dos trabalhadores, como avanços nos direitos trabalhistas, visão que se assemelha mais a Thompson, do que a visão fechada de estado exclusivamente como “balcão de negócios da burguesia” presente N’*O manifesto* (1998).

material dominante na produção da sociedade, essas ideias dominantes estariam expressas em leis, como o direito à propriedade privada e na forma do estado nacional, por exemplo. Essa dominação de classe teria dessa maneira tanto uma dimensão econômica quanto política e ideológica, implicando tanto a relação entre exploradores e explorados quanto de opressores e oprimidos.

Segundo Marx e Engels (2007), dentro dessa compreensão de dominação de classes, a revolução de caráter comunista seria o projeto político defendido pelos autores dentro dos processos de luta de classe na sociedade burguesa moderna da época de suas produções. Os autores (2007) estavam cientes de que, ao longo do processo histórico das sociedades conhecidas, as classes dominadas ao se tornarem revolucionárias muitas vezes apenas mudavam o modo de dominação antigo por um novo, mantendo a dominação de certas classes por outras. As classes dominadas no capitalismo para realizarem uma revolução de caráter comunista precisariam atingir os interesses da maioria da sociedade, além de seus interesses particulares, visando a superação dos conflitos das classes sociais existentes, diferentemente das revoluções históricas anteriores que produziram novas formas de dominação de classe. Essa revolução dependeria da prática política dessas classes e visaria a transformação total da sociedade

Outro aspecto fundamental para a compreensão do conceito de classe em Marx e Engels diz respeito a práxis política que vai além das relações de exploração. Em *A miséria da teoria* de 1847, Marx (2009) indica como na dominação do capitalismo as condições econômicas criam para as massas como trabalhadores um interesse comum sendo esta massa de trabalhadores uma classe em si. Apenas ao se engajarem numa luta e organização política em defesa de seus interesses nas relações de classe é que a massa dos trabalhadores se torna uma classe para si.

Essa mesma distinção é feita por Marx (1997) em sua obra *O 18 Brumário* publicado em 1852, aonde o autor realiza uma análise de conjuntura da França no período histórico entre 1848 e 1851, abordando o golpe de estado de Luis Bonaparte, em que este foi coroado Napoleão III. Em sua análise Marx (1997) apresenta uma compreensão complexa das lutas de classes, considerando o envolvimento de diversos atores. A complexidade das classes é especialmente identificada na análise das condições das famílias camponesas aonde se identificam novamente as duas dimensões possíveis das classes, sendo uma o lugar objetivo nas relações de produção - associada à condição econômica, aos interesses, assim como à cultura e ao modo de vida (classe em si), e a



outra dimensão relacionada à ação na luta política - associada à comunidade, e à ligação e organização políticas (classe para si). Marx (1997) explora como uma classe não necessariamente age politicamente conforme seus interesses como classe:

Na medida em que milhões de famílias camponesas vivem em condições econômicas que as separam umas das outras, e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e sua cultura aos das outras classes da sociedade, estes milhões constituem uma classe. Mas na medida em que existe entre os pequenos camponeses apenas uma ligação local em que a similitude de seus interesses não cria entre eles comunidade alguma, ligação nacional alguma, nem organização política, nessa exata medida não constituem uma classe. São, conseqüentemente, incapazes de fazer valer seu interesse de classe em seu próprio nome, quer através de um Parlamento, quer através de uma Convenção. Não podem se representar têm que ser representados.

Seus representantes têm, ao mesmo tempo, que aparecer como seu senhor, como autoridade sobre eles, como um poder governamental ilimitado que os protege das demais classes e que do alto lhes manda o sol ou a chuva. [...]. (MARX, 1997, p. 127-128)

Assim, percebe-se que em obras como *A Miséria da Teoria e O 18 de Brumário* se ressalta a distinção entre classe em si e classe para si, como processos sociais que nem sempre andam juntos e indicando um refinamento de Marx. Essa distinção é coerente com outros escritos de Marx, como *As teses de Feuerbach* (MARX in MARX; ENGELS, 1982) escrito em 1845, aonde se destaca a importância da práxis no processo revolucionário, indo contra os fatalismos e determinismos. Porém em outras obras como *O Capital* de Marx se ressaltam as descrições de classe voltadas para aspectos das relações produtivas, e n' *O Manifesto do partido comunista*, tratam a relação da práxis revolucionária como um dado determinado pela posição na estrutura das relações produtivas, ou seja, se apaga uma distinção entre classe em si e classe para si, sendo o proletário fadado a ser o agente revolucionário.

Apesar de se reconhecer que *O Manifesto* ter um caráter panfletário e político, mais do que científico ou analítico, não se pretende entrar em maiores aprofundamentos desta ou de outras obras específica de Marx e Engels. Destaca-se apenas que essas duas lógicas em relação à classe são muito expoentes na tradição marxista, uma lógica que considera o processo dialético total entre a posição na estrutura sócio econômica de produção (classe em si), a ação humana e a possível práxis política (classe para si) de cada conjuntura, e outra lógica que compreende de modo determinista essa relação, como as visões estruturalistas, mecanicistas que acreditam que a base econômica determina a superestrutura política, desta maneira a revolução comunista seria um fim inevitável e teleológico.

Essas leituras conflitantes das obras Marx-engelsianas são o fundo de grande parte dos conflitos e divergências nessa tradição, seja em âmbitos acadêmicos, seja nas implicações destas noções para a militância política. Thompson (1981) se insere como um dos autores que criticava a visão determinista presente no desdobramento de muitos marxismos, defendendo uma leitura aberta e não dogmática de Marx, inclusive criticando os próprios fundadores dessa tradição por escritos que tiveram um caráter mais econômico, como *O Capital*, que foca a descrição de classe na posição na estrutura das relações produtivas.

Realizando uma releitura de Marx e atualizando sua definição de classe no século XX, Edward Palmer Thompson (1924-1993) pode ser considerado um dos maiores historiadores britânicos deste século, tendo publicado suas principais obras a partir de 1963, com *A formação da classe operária inglesa*. Segundo Batalha (2000), E. P. Thompson teve uma vida teórica e política agitada, envolvendo-se em polêmicas teóricas diversas, seja durante o seu tempo na *New Left Review*, seja em seus estudos no Grupo de Historiadores do partido comunista, entre outros espaços como as universidades em que lecionou ou em seus ativismos políticos. Batalha (2000) destaca que, curiosamente, assim como Marx, Thompson não se preocupou unicamente com a dimensão teórica-acadêmica em suas produções, mas se engajou politicamente em diversos momentos de sua vida, gerando diversos debates acadêmicos.

É relevante indicar que, segundo Batalha (2000), Thompson não se considerava um teórico marxista, mas acima de tudo se considerava um historiador que buscou utilizar aspectos da teoria e método de Marx para seus estudos sobre o século XVIII e XIX, por exemplo, sem recorrer ao nome de Marx como argumento de autoridade. Em Thompson o aspecto central que se destaca em suas análises, historiográficas ou de caráter mais teórico, é “[...] a defesa de uma teoria da história (o materialismo histórico) e do método histórico (a confrontação entre hipóteses e evidências) em oposição aos modelos ahistóricos exclusivamente construídos no campo da teoria, como o que atribuí a Althusser.” (BATALHA, 2000, p. 192)

Desta maneira, conforme indica Batalha (2000), num primeiro momento Thompson via o marxismo como uma tradição, a qual compartilhava do uso de certas noções e preceitos, mesmo com um conjunto plural, porém o autor realiza uma autocrítica dessa posição ao se defrontar com os marxismos de caráter estruturalista como em Althusser e no autoritarismo das vertentes stalinistas. Desta maneira Batalha (2000, p.

193-194) destaca que Thompson passa a considerar que existem ao menos duas tradições antagônicas dentro do marxismo, uma “fechada, idealista e teleológica” ligada a Stalin e Althusser, por exemplo, e outra tradição “aberta, materialista e racional, a qual pode ser representada como um comunismo libertário. Assim Batalha (200) compreende que Thompson teria, com seus estudos, revolucionado a compreensão sobre a classe trabalhadora, justamente por sua abordagem teórica ser distinta e crítica de grande parte da tradição marxista dominante de sua época, como o estruturalismo de Althusser e o stalinismo.

Batalha (2000) identifica nas obras de Thompson diversos posicionamentos do autor em disputas teóricas contra o dogmatismo presente no marxismo, seja contra o determinismo econômico, seja contra o apagamento da ação humana na investigação histórica. Assim, segundo Batalha (2000, p. 194-195), Thompson era contrário a lógicas fatalistas e que tornavam as categorias estáticas e descoladas das evidências históricas, como a metáfora “base e superestrutura” criticada por seu caráter mecânico e teleológico. Em oposição a esses marxismos idealistas Thompson defendia um materialismo histórico que levasse em conta a relação dinâmica dos processos sociais e o resgate da agência dos sujeitos nesse processo.

Fortes, Negro e Fontes (2012, p. 31) destacam que as investigações de Thompson partiam da compreensão que classe e consciência de classe seriam conceitos históricos, assim como sua visão de “história vista a partir de baixo” como um preceito de investigar os dados e as evidências históricas a partir da cultura e dos costumes da classe trabalhadora, dos de baixo, das suas experiências e resistências cotidianas frente à sua condição dominação.

No *prólogo* de sua obra *A formação da classe operária inglesa*<sup>7</sup> Thompson (2004, p. 9) tece duras críticas aos intelectuais de sua época, em especial o estruturalismo althusseriano<sup>8</sup>, que concebia as classes como uma estrutura ou como um conceito estático. A lógica do determinismo econômico da base (estrutura econômica) sobre a superestrutura leva à negação da ação humana nesse processo dialético, sendo esse um dos principais aspectos apontados nas críticas ao althusserianismo feitas por Thompson. Thompson (2004, p. 9), por sua vez, concebe classe não como um tipo ideal, mas como

---

<sup>7</sup> A tradução mais adequada do original seria *A formação da classe trabalhadora inglesa*.

<sup>8</sup> Muitas das críticas de Thompson a Althusser são feitas em sua obra *A miséria da teoria ou um planetário de erros* (1981).

uma noção histórica, “como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas”.

A análise materialista histórica é um elemento teórico fundamental para Thompson (2012), sendo assim o autor critica as concepções idealistas de classe, que obscurecem os dados da história em vez de se pautarem na análise das evidências históricas dos trabalhadores reais para realizarem uma investigação coerente sobre as classes como um processo real. Em seus estudos em *A formação da classe operária inglesa*, Thompson (2004) concebe que a classe seria definida pela ação dos homens ao longo de sua história efetiva, assim esta seria vista como uma formação social e cultural, tendo origem nos processos que operam em dado período histórico. Assim, o autor (2004) concebe classe como uma relação que ocorre com pessoas em contextos reais, envolvendo assim as experiências, atividades e a consciência dessas pessoas como parte de um processo dinâmico, de modo que Classe não seria assim nem uma estrutura nem uma categoria, mas uma relação humana real.

Como a posição teórica de Thompson visa resgatar a experiência e a agência efetiva dos sujeitos na história, se consideram as dimensões culturais cotidianas destes. Porém, tal posição foi arduamente criticada por diversos opositores, que consideravam Thompson como sendo um teórico “culturalista”, que desconsiderava os aspectos da estrutura econômica da sociedade. Thompson (2012) rebate tais críticas indicando que não nega as determinações objetivas e/ou limita o processo das classes a uma dimensão cultural, apenas resgata a ação humana efetiva a partir das evidências históricas em oposição às visões deterministas que idealizam as classes como uma estrutura determinada economicamente de modo fatalista.

Thompson em *A formação da classe operária inglesa* (2004, p. 10) afirma que:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram, ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe.

Já em *A peculiaridade dos ingleses e outros ensaios* Thompson (2012, p. 274) indica sua visão processual da formação de classe:

[...] as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se veem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagonísticos, debatem-se em torno desses mesmos nós e no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta de sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.

Desta maneira se faz a leitura de que para Thompson (2004) a experiência de um sujeito como parte de um antagonismo entre classes é determinada pela sua posição nas estruturas das relações de produção, que, sobretudo, são relações de antagonismo. Por outro lado, a consciência e ação coletiva desses sujeitos como classe pode ocorrer processualmente em termos culturais, de tradições, valores e ideias, sejam de sujeitos ou instituições, podendo se desenvolver em formas de classe específicas e diferentes ao longo de cada contexto nas relações históricas. Assim a classe como um processo histórico real envolve aspectos e experiências de caráter econômicos, político-ideológicos e culturais de cada formação específica.

Ellen Wood (2002), cientista política estadunidense sintetiza uma leitura do conceito de Classe em E.P. Thompson:

O conceito de classe como relação e processo enfatiza que relações objetivas com os meios de produção são significativas porque estabelecem antagonismo e geram conflitos e lutas; que esses conflitos e lutas formam a experiência social em “formas de classe”, mesmo quando não se expressam como consciência de classe ou em formações claramente visíveis; e que ao longo do tempo discernimos como essas relações impõem sua lógica e seu padrão sobre os processos sociais. Concepções de classe puramente “estruturais” não exigem que procuremos as formas em que a classe realmente impõe a sua lógica, pois as classes, por definição, simplesmente existem. (WOOD, 2002, p. 78)

Assim, segundo Wood (2002, p. 79) a classe como relação se caracterizaria pelas relações produtivas estruturadas das classes que existem como realidades objetivas, independentes da consciência de classe. Ou seja, a situação objetiva da classe nas relações de produção e, por outro lado, a classe como processo pressupõe como condição as relações estruturadas de classes, que dão condições para as experiências compartilhadas nos conflitos e lutas pelos agentes históricos, que no processo podem se constituir numa formação de classe, que pode se materializar em modos de resistência ou ação política organizada que envolva a consciência de classe.

Segundo Batalha (2000, p. 195-196) pode-se reforçar essa distinção em relação à classe em Thompson. Em dos artigos de Thompson de subtítulo “*Eighteen-century*

*English Society: Class struggle without class?*” é indicado que o processo de formação de classe não negaria as noções do antagonismo ou da luta de classes. Assim, segundo Wood (2002, p. 78) o termo “luta de classe sem classes” seria uma proposição de Thompson para explicar a sociedade inglesa no século XVIII, na qual haveria “[...] efeitos das relações sociais estruturadas em classes sobre os agentes sem consciência de classe e como condição de suas formações conscientes.”

Segundo Batalha (2000, p. 195-197) desta maneira Thompson não negaria as relações de exploração e dominação de uma classe por outra, apenas não conceberia essas dimensões como determinantes mecânicas e ortodoxas. Assim, seriam consideradas tanto as condições determinadas das relações de exploração e dominação entre classes, propiciando formas compartilhadas de *experiências vividas* das classes (em si), como também as formações culturais (em sentido amplo) que envolvem as diversas possibilidades de *experiências percebidas*, como as diversas formas de consciência e ações coletivas desses sujeitos em relação a seus interesses e aos interesses dominantes, esses sujeitos, assim, se constituem como classe (para si). Assim seriam consideradas duas formas distintas de experiências, as vividas, que remete ao ser social (classe em si) e experiências percebidas, que remeteriam a consciência social (classe para si). As experiências das relações estruturadas no capitalismo não determinam mecanicamente ou necessariamente as experiências conscientes dos sujeitos como uma classe. Essa articulação entre o ser social e a consciência social é apenas um desenvolvimento possível conforme cada formação social. Assim como a segunda forma de experiência (percebida) não pode existir sem a primeira (vivida).

Na compreensão de Thompson (2012, p. 277-278) não existiria uma formação de classe que seria mais real ou autêntica do que outras, sendo que as classes são constituídas nos processos históricos reais. Assim o autor critica e desconsidera o valor da noção teórica de “falsa consciência”, que remeteria a classe em si não saber de seus próprios interesses verdadeiros como classe. Essa noção de falsa consciência seria um equívoco, uma vez que a consciência de classe de determinados sujeitos seria aquela que estes mesmos sujeitos desenvolvem ao longo de um processo histórico real e não um tipo-ideal do pesquisador que sobrepuja a realidade vivenciada pelos trabalhadores.

Segundo Batalha (2000) Thompson faz a distinção entre as relações estruturadas de antagonismos entre classes e o processo de formação dos sujeitos a partir de suas ações e experiências determinadas e compartilhadas, o que possibilita que se desenvolvam

como uma classe consciente e ativa em suas disputas políticas. Ressalta-se nessa compreensão de classe, a agência e as formações de cultura e consciência desses sujeitos como uma classe e seus antagonismos. Assim, compreende-se que E.P. Thompson faz uma releitura das noções trabalhadas por Marx, de classe em si e Classe para si, sendo que em sua análise histórica os sujeitos se formam como uma classe ao se descobrirem como tal no processo por meio de suas experiências dos conflitos de uma dada posição de classe.

A partir dos diversos dados e sínteses apresentados das noções de classe em Marx e Engels e em E.P Thompson, assim como de aspectos gerais de suas abordagens teóricas, busca-se demonstrar uma possível afinidade ou articulação desses autores em relação ao uso de aspectos compartilhados no que aqui se compreende como uma tradição marxista pautada no materialista histórico e dialético. Essa posição teórico-prática estaria em oposição às versões mecanicistas, deterministas e teleológicas do marxismo, de forma que ambas representariam duas posições ou tradições antagônicas dentro do marxismo, como uma tradição ampla. As produções de Marx, assim como suas leituras por outros, que tivessem um caráter mecanicista são passíveis de crítica não apenas por autores como Thompson, mas também por interpretações das próprias obras de Marx e Engels, a partir da lógica teórica do materialismo histórico e dialético. Essa posição materialista envolve a análise histórica real de um conjunto social dialético, como um todo, em oposição às interpretações baseadas em noções idealistas, que tornem as análises e posições políticas como dogmas ortodoxos e/ou autoritárias.

Apesar de Thompson não se identificar como um “marxista”, pode-se considerar que o mesmo assuma uma abordagem materialista histórica, que se encontra dentro de uma tradição aberta e autocrítica do marxismo, não assumindo as produções de Marx como dogmas, mas preceitos como a lógica histórica, visando compreender o movimento ou processo humano real. Em seus estudos seria feita a defesa da noção de “luta de classes” como um processo histórico real fundamental no capitalismo, assim como a noção de classe como processo e relação, como aponta Ellen Wood (2002).

Percebe-se, nas noções de classe presentes nas obras de Marx e Engels, dados que podem evidenciar as duas tradições antagônicas dentro do marxismo. Existe uma leitura de classe que se desdobra nas versões mais mecânicas e teleológicas dessa tradição, que foca mais nas relações do processo produtivo, dos locais ou posições estruturais da classe como aspecto determinante das lutas revolucionárias. Contudo, também existe outra

interpretação, que envolve a posição do materialismo histórico e dialético, implicando a análise do processo histórico e dinâmico entre a classe em si (posição na relação produtiva) e a classe para si (organização política consciente). Acredita-se que a segunda leitura mostra uma posição mais elaborada de Marx, especialmente, quanto à dinâmica da luta de classe.

Thompson parte dessa segunda leitura de Marx para realizar uma releitura crítica, sendo que nesta a classe em si implicaria as relações antagônicas entre classes (a luta de classes), mas a classe para si envolveria o processo dos sujeitos nessa relação se perceberem e agirem com uma classe a partir de suas experiências cotidianas. A retomada das dimensões da ação e cultura dos trabalhadores pode ser interpretada como um resgate de Thompson em relação à posição materialista histórica de Marx, ao realizar uma análise concreta de sujeitos reais e não de tipos-ideais que apaguem os sujeitos históricos. Retoma-se Thompson (2012):

Todavia, em primeiro lugar, nenhum exame das determinações objetivas e, mais do que nunca, nenhum modelo eventualmente teorizado pode levar a equação simples de uma classe com consciência de classe. A classe se delinea segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do conjunto de suas relações sociais, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural (THOMPSON, 2012, p. 277).

Em Marx (2009, p. 14) se ressalta que a análise concreta da histórica não seria uni causal ou reducionista, sendo que para o autor o "[...] concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida efetivo [...]" Marx e Engels (2010) ainda indicam aspectos de sua concepção de história que convergem com a posição de Thompson:

Mas a nossa concepção de história é, sobretudo, um guia para o estudo [...] É necessário voltar a estudar toda a história, devem examinar-se em todos os detalhes as condições de existência das diversas formações sociais antes de procurar deduzir delas as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas, etc. que lhes correspondem. (MARX; ENGELS, 2010, p. 107)

Assim, nessa mesma direção de estudar as condições de existência das formações sociais consideram-se duas posições vitais em Thompson, como a defesa da noção de classe e o resgate da agência das classes subordinadas. Assim, as classes não são vistas de forma limitada pela dimensão econômica e/ou subjugada a determinados papéis pela lógica hegemônica da classe dominante. Assim, conforme indica Wood (2002, p. 58), se

Revista Em Debate (UFSC), Florianópolis, volume 17, p. 36-54, 2017. ISSN 1980-3532



retoma uma “história vista desde baixo”, a partir da cultura cotidiana e das formas de resistência ou transformação das classes trabalhadoras frente à dominação, aspectos que eram desconsiderados pela vertente do materialismo mecanicista, de caráter burguês e idealista, mas que são coerentes com a leitura dialética presente nas obras de Marx.

## Considerações finais

Neste artigo buscou-se realizar uma análise sobre o conceito de classe dentro da tradição marxista. Reconhecemos as limitações de espaço e de autores abordados na discussão aqui realizada, porém, considera-se plausível que a leitura apresentada de Marx, Engels e E.P. Thompson os possa agrupar em um conjunto de intelectuais da tradição do materialismo histórico e dialético. Revisões e críticas mais aprofundadas em relação a esse exame são indispensáveis, como forma de aprofundar as interpretações aqui feitas e/ou contestá-las.

Conclui-se indicando que a noção de classe social em uma leitura materialista histórica e dialética da tradição marxista se vincula aos sujeitos políticos e sociais em seus processos de luta reais, ao desenvolvimento de formas de consciência e ações coletivas revolucionárias e/ou de resistência enquanto classe. Considera-se essa uma compreensão fundamental para um uso contemporâneo do termo, considerando as relações dialéticas entre as estruturas socioeconômica e a ação dos sujeitos. Assim, se resgatam aspectos como a ação, valores, discursos e a cultura nas relações da vida social produtiva em geral. Processos sociais expressos nas experiências concretas dos sujeitos, as quais são permeadas pelos antagonismos históricos do capitalismo contemporâneo.

## Referências

BATALHA, C. Thompson diante de Marx. In: BOITO JR, A.; TOLEDO, C.N de; RANIERI, J.; TROPIA, P.V. (Org). *A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações*. São Paulo: Xamã, 2000.

BORON, A. A. Pelo necessário (e demorado) retorno ao marxismo. In: \_\_\_\_\_ et al (orgs.). *A Teoria Marxista Hoje: problemas e perspectivas*. São Paulo. Expressão Popular, 2006. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20100715074015/cap2.pdf>> Acesso em 28/01/2016.

FORTES, A; NEGRO, A. L.; FONTES, P. As peculiaridades de E. P. Thompson. In: THOMPSON. E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

LEITE LOPES, José Sérgio. *O Vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a Precarização do Trabalho no Brasil. Revista. In: *Estudos do Trabalho*. Ano V, n.8, 2011. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/RevistaRET08.html>>.

MARX, K. *El Capital*. México, Fondo de cultura econômica. V. 3, 1975.

\_\_\_\_\_. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

\_\_\_\_\_. Teses Sobre Feuerbach. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 3a edição, São Paulo, Ciências Humanas, 1982.

MARX, K; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. Manifesto do Partido Comunista. *Estud. av.* [online]. 1998, vol.12, n.34, pp. 7-46. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141998000300002&script=sci\\_arttext#not 2](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141998000300002&script=sci_arttext#not 2)> Acesso em 08/02/2016.

MATTOS, M. B. História e projeto social: A origem militante do debate sobre classes e luta de classes na obra de E.P. Thompson. In: Colóquio Internacional Marx e Engels. 7. 2012, Campinas. *Anais eletrônicos...* Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6638\\_Badaro\\_Marcelo.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6638_Badaro_Marcelo.pdf)>. Acesso em: 10/10/2013.

NETTO, J. P. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NOVAES, Roberta; VALERIANO, Maya. Entrevista com o professor José Sérgio Leite Lopes. In: *Revista IDEAS*, v. 4, n. 2, p. 544-591, 2010.

SELL, C. E. *Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber*. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

THOMPSON. E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

\_\_\_\_\_. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

WOOD, E. M. *Democracia contra capitalismo*. S. Paulo: Boitempo. 2002.